



# GIL VICENTE

Semanário monarchico-integralista

(Literário e Noticioso)

Orgão e propriedade da

Junta Municipal de Guimarães

Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO

*Pardiez! siete arrepelones  
Me pegaron á la entrada  
Mas yo de una puñada  
A uno de los rascones  
VÁQUEIRO*

Director:

D. José Ferrão.

Adm. e Editor:

Domingos F. Guimarães.

Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO  
Rua do Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARÃES

## A GALOPE...

Uma campanha terrível, feita de odio e manchada de sangue, surge há muito tempo já na chamada imprensa *avancada* sem que providencias energicas sejam tomadas.

O banditismo galopa infrene, sem rédeas nem freio. O homem perdeu toda a noção clara dos seus deveres para se tornar numa besta perigosa não poupando vidas preciosas antes pelo contrario se satisfiz na contemplação da sua obra destruidora e selvática.

Vive-se uma vida cheia de receios e de perigos. Ninguém será já capaz de aniquilar o mal, de manter a desordem no devido respeito pois a *ordem social* é a desordem tornada disciplina ás ordens da C. G. T.

O órgão desta Organização Operária, defendendo as suas violências, ataca as providências d'ordem pública que o momento reclama. E fá-lo com tanto descaramento, que a gente chega a duvidar do próprio solo que piza. Isto é duro, tam duro como a verdade dos graves acontecimentos de caracter politico e revolucionario. A moral passou a ser um estregão nas mãos dos politicos. O parlamento legisla para si. Inútil sob todos os pontos de vista, falta-lhe isto: grandeza de caracter, elevação de sentimentos e de principios.

Anti-parlamentaristas, nós somos pela Ditadura Nacional contra a ditadura politica do Parlamento.

Caminha-se mal, mesmo muito mal! A imprensa republicana já não pode ocultar aos olhos da gente honesta e são os seus receio, snem fazer crer a quem quer que seja que são os monarchicos de principios sólidos e imutaveis os causadores da desordem. Esta começou na propaganda republicana, criou raizes no 5 de Outubro, fermentou o 19 de Outubro e, desde então, em passos de gigante, veio por aí fora apregoando em todos os tons que quere mais vítimas e o sangue delas! Que de miseria, e que de desolação se observa nos homens!... Incita-se ao crime, á revolução social? Dão-se-lhes vivas? Que importa?!... Nesta propaganda dissol-

vente de todos os dias, de todas as horas e instantes, é o Exército Português, o nosso glorioso e bravo Exército Português tambem ataca-lo e injuriado! Temos lido, em letra de fôrma, todos os ultrajes, feitos na imprensa comunista, dirigidos ao brio militar, á disciplina da caserna! Porém, que medidas tem tomá-lo este forte esteio da segurança pública e da Nacionalidade?

Tudo parece confundir-se!

Quando os comunistas se querem dirigir ao Militarismo fazem-no sempre em termos inflamados — milhares de vezes assim repetidos: — «O militarismo, imposto em nome da humanidade, todos os anos recruta nas officinas, nas fábricas e nos campos o braço do trabalhador. Em troca dum martelo ou duma enxada dão-lhe uma arma e ensinam-no a matar! O quartel é uma escola de crimes de lesa-humanidade! Dum cidadão fazem um assassino...»

Corre mundo esta prosa de coreodilo! Mas nem por isso a Rússia dissolveu o seu exército *vermelho* antes o sustenta, arma e instrui para todas as eventualidades. Condenam o militarismo porque «rouba um filho ao amor duma mãe, um irmão aos carinhos duma irmã, um cidadão á sociedade...» e não se lembram, os comunistas, dos seus crimes postos á prova, quando lançam criminosamente, muito consciões dos seus *deceres anarquistas*, as suas bombas para o meio das praças públicas vitimando — quantas vezes! — dezenas de crianças que a sua ignorancia da morte certa e traiçôira faz explodir!

E chamam a isto—Amor! E dizem-se perfeitos e humanos! E proclama-se apóstolos da Humanidade, da Beleza máxima, do Bem mais perfeito!

Pobre humanidade, cujos teus defensores assassinam, por meio de bombas, seres que fazem parte do teu mesmo corpo social!

Mal irá á terra de Portugal se se continua neste agitar de ódios, de paixões sanguinarias porque o vulcão começou a dar sinal de si...

Domingos RIBEIRO.

## Na Hora DERRADEIRA

A Igreja é ainda hoje como o foi em todos os tempos, o mais forte dique a opôr á onda de desmoralisação que tudo pretende avassalar.

E, por isso mesmo, tem sido em todos os tempos guerreada ferozmente pelos inimigos do Bem, por aqueles que pretendendo arrancar da consciencia humana, a cristianissima Fé que o Calvario irradiou por todo o orbe, se prestaram consciante ou inconscientemente a impulsionar a onda do Mal, que tanto e tanto nos ameaça.

Porque, em boa verdade, os fentos amargos e maus que hoje estamos colhendo, são a resultante da pessima semente que introduziram nos fertéis e magníficos campos, hoje bravios, da consciencia humana.

E assim se foi preparando esta atmosfera de pavores e feroz indisciplina que tudo aterra, mormente aqueles que foram seus principais e responsaveis impulsionadores.

Mas a Igreja tem-se mantido e continuar-se-ha mantendo, como seguro fuol no mar tempestuoso e bramidor da nossa Vida, guiando-nos com a sua luz Divina, prevalecendo sempre contra todas as arremetidas, a atestar toda a tragedia do Golgotha, toda a vida de sacrificio do Martir da Galileia para regeneração dos povos.

Em Portugal, a Igreja está ligada ás mais belas paginas da nossa Historia. Nasce com a Nacionalidade, pratica o milagre de Ourique, acorre ao apêlo da Rainha Santa transformando o pão em rosas, palpita em Valverde e Aljubarrota na encarnação sublime de S. Nuno Alvares, e, ainda mais que as brisas e ondulações favoraveis dos Oceanos, conduz as nossas Naus gloriosas, em cujas velas tremula a Cruz de Cristo — *In hoc signo vin es* — ás 5 partes do mundo, a irradiarem os ensinamentos do Bem e da Moral, aos povos ignorantes e em perfeito estado de selvagerie.

E a nossa Historia é bem uma sequência da Historia da Igreja. Tem os seus martires, os seus santos, os seus ensinamentos.

Acompanha o Infante Santo no cativo de Ceuta e santifica, tambem, os batalhadores que sucumbiram em Evora-Monte, lutando pelas Verdades Eternas de Portugal.

Num bem curto espaço de tempo assistiu-se em Portugal a dois factos bem palpaveis e por isso



Valverde

*Soam trombetas, que são doutra terra,  
Em campina lusa, em sinal de sanha...  
De Castela é gente em furia tamanha,  
De hostes mui fortes á bradar a guerra...*

*Um pequeno povo já então se aperra  
Numa alma grande que Valverde banha...  
Brave o Mestre em luta: — A Nação nos venha!...  
São Nuno reza, e a Deus mais se aferra...*

*No campo, á morte, lá ninguém se escusa...  
Já se ergue São Nuno: — A' victoria!... Agora!...  
E a hoste rôta tinha ganha a hora! ...*

*De pé, e ás armas dada, oh alma lusa...  
— Ontem e sempre, em salvação da Grei —  
Por Deus e pela Patria e pelo Rei!...*

Ponte e SOUSA.

mesmo bem elucidativo de quanto vale a Igreja e os seus ensinamentos.

Ontem é o Almirante Leote do Rego que morre cristãmente. Hoje é o Poeta Junqueiro, autor da «Velhice do Padre Eterno», que morre, tambem, á sombra da Igreja.

Ná hora da morte reconheceram a existência da Divindade suprema, e reconciliaram-se com os ensinamentos da Igreja Catolica.

Estas duas reconciliações, e muito principalmente a de Junqueiro, demonstram bem que a luz Divina não abandona nunca os homens, ainda mesmo aqueles que, aparentemente, parecem desprezá-la.

Junqueiro já de há muito que se vinha debatendo numa grande crise, numa terrível crise mesmo. Era a luta que se travava no seu espirito entre a Verdade e a duvida.

E dêsse batalhar constante, nasceu, para o Poeta admiravel, a quasi certeza da existencia de Deus, certeza que mais se entranhou no seu espirito com a aproximação da morte.

Foi como o sorriso de um Anjo a despertá-lo para a realidade da vida eterna. E pela sua mente devia ter perpassado nesse momento toda a pureza da Fé, toda a grande beleza do Cristianismo, toda a imaculada crença do novo povo. Em visão, devia ter compreendido toda a tragedia do Golgotha, o sacrificio de Deus para redimir a humanidade, e, remontando a Roma, teria admirado o sublime sacrificio dos cristãos, orando a Deus re-

fugiados nas Catacumbas, ou elevando os olhos ao Ceu numa doce humildade e resignação quando era chegado o momento de serem devorados pelas feras.

Depois, toda a magnifica epopeia de sacrificio que fez os Santos, toda a grandesa da nossa Historia, cujas paginas são outros tantos milagres de Deus.

Foi um raio de intensa luz a rasgar á treva que lhe ensombrou o espirito. E o Poeta pensou, recolheu-se á doce piedade de um anacorêta e principiou a fazer-se luz no seu espirito. E dessa luz resultou a sua contrição. E dessa contrição a serenidade com que acolheu a morte. Serenidade de penitente, serenidade de um convertido.

Morreu Guerra Junqueiro! Ajoelhemos! E como cristãos que somos, peçamos a Deus pelo eterno descanso do excelso Poeta.

Satisfaremos assim á nossa consciencia de catolicos e de portugueses.

M. A. d'Oliveira.

## Felix Correia

Passa hoje o aniversario natalicio do nosso presado amigo e camarada no Bom Combate, sr. Felix Correia, combatente civil de Monsanto, onde teve uma preponderante acção, e soldado lial na trincheira do Resgate.

A Felix Correia, jornalista distinto, as nossas saudações muito sinceras, com os desejos de que esta data se repita por muitos anos.



## S. CRISTÓVÃO

NA LENDA E NO SONHO

A Lenda é a fantasia do que foi;  
O Sonho é a fantasia do que ha de ser.

(Continuação do n.º 148)

Como nas longas marchas que os «Jacques» empreendiam no assalto dos Castelos, seu nome era lembrado como o de um Pai amantissimo e misericordioso.

Mas para que a servidão acabasse outrora e a colectividade retomasse o verdadeiro sentido da Vida Corporativa, muito sangue tivera de correr e na memoria dos homens ficara para sempre a chacina dos miseraveis quando a renovação social ia ser um facto no advento místico do ciclo medieval.

Agora mais uma vez o sangue ia correr em holocausto á mais humana e irresistivel de todas as ideias: — chamavam-lhe agora Sindicalismo ou gremialismo, e ella era na verdade o principio basilardos povos que a civilização afezrou á Terra.

Cristóvão desceu então a larga avenida por entre o silvar persistente dos projecteis, e foi-se com passo firme a combater ao lado dos «Jacques» seus irmãos.

E as ruas, as casas e os homens tremiam á passagem do seu grande corpo.

Ao lado do hom gigante, durante muitos dias e muitas noites, milhares de «Jacques» tombaram na morte, varejados pelos homens darmas que protegiam o Estado e a Riqueza.

Mas dos próprios defensores da iniquidade e do dinheiro quasi tambem só restavam destroços, que se confundiam na derrocada com os negros tições do rescaldo dos incêndios.

Os revoltados eram vencidos pela Morte, mas a sua porfiada resistencia derruira o velho e carcomido edificio social da Democracia.

Tudo ardera e se desconjuntara no fragor do recontro e já não seria possível reconstruir o que só um aruficio grosseiro de palavras e de violência tinha mantido de pé.

Aquelas hordas que a vingança fizera semi-bárbaras e que, entregues ao fatalismo dos instinctos, haviam assassinado e incendiado e roubado, juncavam agora as ruas ensanguentadas da capital e os que escapavam fugiam desordenadamente pelos campos num forçado regresso á Terra, a procurar finalmente na paz dos lares abandonados, a felicidade e o repouso que a cidade lhes não dera.

Um silêncio tenebroso enchia de pavores a neblina ténue dos ultimos recontros, e já naquela derradeira madrugada de tragedia se ouvia apenas o tropear de ra-

ros cavalos, rondando a Morte nas ruas desertas e mudas.

Ao longe, um clarim vibrante atirou aos ares a claridade heroica de uma marcha de guerra. Dealbava. E quando os primeiros raios do sol enfiaram pela grande avenida, dentre novelos de mortos e crucificado contra um alto monumento de liberdades pátrias, o grande corpo agonisante de Cristóvão se esvaía para beneficio dos homens num rio de sangue que alastrava, e se juntava a outros sangues, e se ramificava em direcção ao rio largo onde a titânica faina emudecera. Aquele mar vermelho percorria todas as ruas onde se traficára, entrava em todas as portas derrubadas dos grandes bancos saqueados, e por toda a parte onde a vasa rubra passava era como se uma Nova Luz se coasse nas almas e uma serena alegria se estampasse nos rostos.

Um galo cantou na calmaria fresca da manhã erguendo ao sol vermelho a crista vermelha do seu triunfo, e outros galos cantaram, ao longe e ao perto, a glória da posse e do comando.

A alma cristalina do bom gigante subia aos céus naquele amanhecer ridente pela mão carinhosa e branda de Jesus ressuscitado e alvo.

Entretanto os «Jacques» eram fugidos ou mortos, mas daquela expiação tremenda em que tantas vidas foram ceifadas e tantas riquezas destruidas, uma Nova Aurora surgia enfim, como se não vira ainda desde a raiz do mundo, e sobre aquele belo e fértil país, ao menos por algum tempo, haveria decerto mais Justiça e mais pão.

Tempos rolaram ainda de guerras e devastações e por toda a parte novas «Jacqueries» se levantavam na mesma fúria arrazadora, e cada investida sua provocava uma derrocada no doirado castelo do feudalismo do Dinheiro.

Até que por fim, e para que a colectividade se não perdesse e tresmalhasse na anarquia, a Harmonia Corporativa reuniu os homens pelos seus interesses profissionais e uniu as almas na confissão do mesmo Credo.

Ah! Os «Jacques» tinham morrido, mas do vasto lençol de sangue em que se amortalharam, nascera e ia frutificar a seara abundante da Sementeira-Nova! ...E em verdade vos digo que uma Nova Era se implantará, calma e justiceira, sobre a face torturada da Terra!

FIM.

Cesar A. d'Oliveira.

## EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRICOLA

VENHAM OS CRITICOS ATÉ NÓS.

O 14 E 15 DE AGOSTO EM FESTA.

COMO FECHAR O CICLO

— DA EXPOSIÇÃO? —

Teve a Exposição de 1881 uma larga reportagem na imprensa, sendo o seu principal observador o sr. Joaquim de Vasconcelos. Reputamos excelente que a comissão executiva do próximo certamen dirija convite especial para uma visita de estudo aos eruditos cidadãos Joaquim de Vasconcelos e Bento Carqueja. A nossa Exposição não é uma feira nem um simples mostuario: é, ou melhor, precisa

de ser — uma galeria demonstrativa da evolução industrial e agricola do nosso concelho. Venham, pois, até nós aqueles esclarecidos e autorizados espiritos que sabem ver e sabem criticar. Torna-se indispensavel que da Exposição uma alta lição nos fique. Fazer uma exposição apenas com um objectivo de recame comercial, — é pouco. O sentido especulativo e demonstrativo que acompanha a efectivação

do certamen, precisa de ser completado. Como?

— Convidando a vir até nós aquelas mentalidades criticas que pela sua bagagem de conhecimentos, estão á altura de oferecer conselho e lição proveitosa.

Temos 3 dias de festas GUALTERIANAS e temos, dias depois, a 14 e 15 de Agosto, uma festa civico-religiosa, á Padroeira da Cidade. Restá que outros numeros se estudem por maneira a atrair ao seio da Exposição novas camadas de forasteiros.

Irá por diante a ideia de uma festa desportiva? Qual o grupo futebolista que lança a iniciativa?

Acharão as nossas damas aceitavel a efectivação de um grande bazar de caridade, no próprio recinto da Exposição e com objectos colhidos nos próprios stands expositivos, e cujo rendimento se destinasse para as nossas instituições de beneficencia?...?

Engalanar as varandas, como em anos idos foi costume das GUALTERIANAS, equivale a pôr em foco a vontade una dos vimaranenses em cooperar no grande e feérico espectáculo duma cidade em festa. Será suggestivo, atraente, dar ao casario um ar ajantado, alegre, bizarro. Que ninguém, portanto, deixe de embandeirar em arco. Uma casa, em arteria central, sem flamulas e galhardetes, dá-nos a impressão de alquem que está amuido, embezzado, de mal com a colectividade, com o meio social em festa.

Evitemos esse desaire triste. Quando mais não possam ou não queiram fazer — ao menos embandeirem!

Embandeirar, neste caso, é aplaudir, é gritar ao forasteiro que passa: — VIVA GUIMARAES!

A. L. de Carvalho.

## Dr. Antonio Sardinha

A «Asociación de Escritores y Artistas», de Madrid, concedeu o titulo de socio honorario a este nosso illustre amigo e distinto escritor, tendo em vista os seus estudos admiráveis sobre a historia e costumes da Peninsula.

Tambem a «Revue Française», num dos seus ultimos numeros, se referia significativamente ao volume *Chuva da Tarde*, ultimamente aparecido.

A Antonio Sardinha, illustre vogal da Junta Central do Integralismo Lusitano e escritor brilhante de estilo suggestivo e caricioso, as nossas muito sinceras felicitações.

Peregrinação a Lourdes  
EM 25 DE MARÇO DE 1924

COM PAGAMENTO

\* A PRESTAÇÕES \*

Peçam-se informes á

AGENCIA STELLA, LIM.ª

3, Travessa do Alcega — LISBOA  
222, R. 84 da Bandoira — PORTO

## Juventudes Catolicas

Conforme em tempos noticiamos, e de harmonia com o programa publicado, realizou-se nos preteritos dias 6, 7 e 8, em Viana do Castelo, o 2.º Congresso das Juventudes Catolicas da Arquidiocese de Braga.

Pelos relatos de alguns jornais, constatamos que é te Congresso marcou como um acontecimento notavel no meio catolico, já pelo numero de delegações, já pelos vastos e importantes problemas que se versaram, todos elles do mais palpitante interesse.

Foram apresentadas e tratadas varias teses pelos ex.ªs srs. drs. Francisco Veloso, Avelino Gonçalves, Francisco Pinto, revs. Santos Portela, Manoel Lopes, srs. Gonçalves Branco, da J. C. de Braga, e Franklim de Oliveira, commissario geral dos «scout» catolicos, todas ellas tendentes á reorganização das J. C. Tambem pelo nosso presado camarada e amigo sr. Manuel Alves de Oliveira, foi apresentada uma moção sobre o programa social e vida das Juventudes, que foi aprovada por unanimidade.

Foram enviados telegramas de saudação e protestos de fiel obediencia a S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, a Mgr. Nicotra, a Sua Santidade e aos parlamentares catolicos, e um de condolencias á familia do Poeta Junqueiro.

## Revista de Guimarães

Temos presente o n.º 1 — Janeiro a Março — desta brilhante revista, publicação da prestant Sociedade Martins Sarmiento, com o seguinte Sumario:

I. Cartas de Martins Sarmiento ao Professor Pereira Caldas. — II. Arquivo da Collegida de Guimarães. — III. A Senhora da Paz. — IV. O nos o concurso. Memorias do professor primario Joaquim de Almeida Guimarães. — V. Cancioneiro de S. Simão de Novais. — VI. S. Gualter de Guimarães. Ensaio bibliografico. — VII. A capela de S. Roque e a Ermita do Bom Jesus do Calvario. — VIII. Registo bibliografico. — IX. Boletim.

## INTEGRALISMO!

— escol magnifico de vontades e intelligencias moças ao serviço de uma ideia que é a imagem viva de Portugal libertado, emancipado, dignificando e redimido.

## CARTILHA MONARQUICA

## CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.ªmo Ssr.

## Gualterianas

Tudo se prepara para os 3 grandes dias de Festas da Cidade a realizar em 4, 5 e 6 de Agosto.

Os briosos Empregados de Comercio continuam trabalhando com o maior entusiasmo na organização da Marcha Milaneza, feérico cortejo que atravessará as ruas da nossa cidade, na noite de 6.

Já foram afixados os cartazes anunciadores do grandioso Concurso Hipico Oficial que promete ser muito concorrido. Constituirá uma bela diversão e um belo numero do programa das Festas.

As iluminações serão surpreendentes. Tudo, enfim, será belo e grandioso nesses dias festivos.

Tambem a nossa Humanitaria Corporação dos Bombeiros Voluntarios prestará todo o seu valioso concurso, promovendo um exercicio geral da Corporação.

Teem prosseguido com entusiasmo os ensaios do nosso Orfeão, que cantará no recinto da Exposição no dia da abertura da mesma, em 4 de Agosto.

E, como chave de ouro, as gentis damas vimaranenses concorrerão com o seu trabalho para maior realce das nossas festas, engalanando a primor as frontarias dos prédios.

Oportunamente publicaremos o programa geral.

## Infantaria 20

O sr. dr. Antonio Portes, como representante do povo desta cidade, foi a Lisboa convidar os srs. presidente do ministerio, ministros dos negocios estrangeiros e guerra a assistirem á cerimonia da conde oração da Bandeira de Infantaria 20.

## Expediente

Muito brevemente vamos enviar para o correio os recibos relativos ao 1.º semestre de assinatura.

Como a cobrança feita pelo correio nos é bastante dispendiosa, rogamos a todos os nossos presados assinantes nos enviem os seus debitos, evitando-nos assim a despeza de cobrança.

A todos os snrs. assinantes a quem forem apresentados os recibos, pedimos, tambem, evitem o mais possível a sua devolução, que nos vem causar transtorno e prejuizo.